

A constituição histórica da presença da mulher no radiojornalismo esportivo brasileiro¹

Ediane Teles de MATTOS²

Valci Regina Mousquer ZUCULOTO³

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

Resumo

Este artigo propõe pesquisa bibliográfica sobre a inserção e a trajetória profissional das mulheres no radiojornalismo esportivo brasileiro. A partir de revisão da literatura e análise documental, sistematiza o levantamento de registros já produzidos sobre o assunto e analisa essa participação num universo majoritariamente constituído por homens, o do gênero esportivo. A contextualização sobre a presença da mulher no rádio brasileiro reflete transformações ocorridas no meio e a influência destas mudanças em relação à presença profissional no campo de trabalho. Nesse sentido, o estudo teve como objetivo geral resgatar a história da trajetória da mulher no radiojornalismo esportivo no país para basear pesquisa de mestrado da autora, em andamento, sobre essa inserção no rádio catarinense.

Palavras-chave: rádio, história dos meios sonoros, jornalismo esportivo; mulher no radiojornalismo; história do jornalismo.

Introdução

“Não dá mais para ter espaço de mulheres na mídia só no dia 8 de março.”

Laura Greenhalgh

A voz feminina nos microfones de uma emissora de rádio brasileira foi registrada desde os tempos pioneiros da radiodifusão no país. Beatriz Roquette-Pinto, foi a primeira locutora do rádio brasileiro, tendo atuado na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro – PRA-2, fundada por seu pai, o Professor Edgard Roquette-Pinto, em 1923.

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina UFSC. Graduada em Jornalismo (UFSC). Integrante do GIRAFÁ - Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio. E-mail: edimattos@gmail.com

³ Professora e pesquisadora do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Jornalista (UFRGS), mestre e doutora em Comunicação (PUCRS) e pós-doutora (Eco/UFRJ), coordenadora do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom e da Rádio Ponto UFSC. É uma das líderes do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa) do POSJOR. E-mail: valzuculoto@hotmail.com

Juntamente com Ilka Labarte, nos anos 30, revezavam o microfone na disseminação do saber por meio de ondas eletromagnéticas, na PRD 5 - Radioescola Municipal, conforme conta Moreira (2000). No mesmo período, em São Paulo, Zenaide Andrea desempenhava o papel de apresentadora, na Rádio Record – PRB-9, assim como Natália Peres, que se consagrou com o pseudônimo de Elizabeth Darcy.

Nessa mesma trajetória, o gênero rádio esportivo também faz parte das programações radiofônicas desde os primeiros anos e tem contribuído de maneira significativa para o fortalecimento e manutenção do meio no país. Inicialmente, as primeiras notícias esportivas no rádio reproduziam as características da palavra estática, uma vez que “o conteúdo tomou forma originalmente na tecnologia da imprensa” (MEDITSCH, 1999, pág. 114). A transformação da palavra estática, forma escrita, para a palavra elástica, forma falada, defrontou-se com inúmeras situações novas. As notícias, nas ondas sonoras, eram apresentadas exatamente como eram escritas na imprensa. Era a “transposição fiel da experiência gráfica através do “jornal falado”” (MEDITSCH, 1999, p. 114).

Com as transmissões e as coberturas esportivas, em especial do futebol, a partir dos anos 30, o gênero esportivo contribuiu tanto para as adequações e transformações da história do rádio, quanto para o desenvolvimento do esporte no país. (ZUCULOTO, MATTOS, 2017)

O rádio esportivo deu seus primeiros passos quando os locutores começaram a divulgar resultados de competições de remo e turfe, mas só se firmou como gênero radiofônico quando escolheu o futebol para ser a principal fonte de conteúdo e ajudou a transformar a modalidade em “paixão nacional” (GONÇALVES, ZUCULOTO, 2015, p.1)

A Rádio Educadora Paulista, em 1931, realizou a primeira jornada esportiva radiofônica. O narrador pioneiro foi Nicolau Tuma, que se tornou referência em narração (TOLEDO, 2002). A jornada esportiva também foi uma das atrações principais na estreia da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, em 1936. E, cada vez mais consagrado nas ondas sonoras, o gênero esportivo marcou história na trajetória do rádio esportivo brasileiro transmitindo a Copa do Mundo de 1938, na França.

As longas programações nos dias de jogos, que as emissoras passaram a intitular de jornadas, e a cobertura cotidiana da reportagem, por exemplo, acompanhando de perto cada time, inclusive com setoristas, tornaram-se inseparáveis principalmente das emissoras que se dedicam ao jornalismo. Por isso, ao observarmos a história do rádio,

sempre é possível refletir que as coberturas esportivas estão determinadamente ligadas ao meio. (ZUCULOTO, MATTOS, 2017, p. 2)

O radiojornalismo esportivo se firmou como um dos gêneros fortes do meio e se mantém na grade de programação da maioria das grandes emissoras do país através de notícias e comentários durante a semana e em jornadas esportivas de grande duração nos finais de semana e dias de jogos e competições (SOARES, 1994).

Ao pesquisar a história do rádio brasileiro, constata-se, primeiramente esse protagonismo do jornalismo esportivo em toda a sua trajetória, mas nota-se, também, que a constituição desse gênero é hegemonicamente masculina, especialmente nas funções diretamente relacionadas aos microfones.

A história do rádio mostra que as mulheres também se fizeram presentes e contribuíram na formação do meio. Porém, não aparecem ou aparecem pouco evidenciadas quando o assunto é radiojornalismo esportivo brasileiro. As radialistas e jornalistas do rádio, ainda que pouco visíveis, se mostram cada vez mais presentes na constituição desse gênero. A inserção das mulheres neste segmento já despertou o interesse de estudiosos que buscam identificar de que maneira ocorreu essa inserção e revelar a trajetória dessas profissionais nesse gênero. Porém, a maioria dos estudos recupera apenas partes da história do radiojornalismo esportivo, com informações individualizadas e específicas por regiões geográficas, sendo possível identificar uma lacuna no que se refere à participação da mulher na constituição do gênero jornalismo esportivo e na construção de um panorama mais completo da trajetória feminina no rádio esportivo.

O presente artigo não tem a pretensão de realizar esse panorama, mas visa contribuir para o entendimento de como se deu a inserção da mulher nesse campo do radiojornalismo brasileiro e a trajetória feita por elas para compor o cenário contemporâneo dessa participação dando visibilidade as pioneiras da área esportiva do radiojornalismo. Para tanto, realizou-se uma revisão bibliográfica e análise documental, método e técnica muito utilizados para resgates históricos sobre personagens, períodos, lugares e, como nesse caso, de meios.

A análise documental pode ser empregada tanto como método quanto como técnica (MOREIRA, 2005, p. 272), conforme explica a autora: “Método porque pressupõe o ângulo escolhido como base de uma investigação. Técnica porque é um recurso que complementa outras formas de obtenção de dados, como a entrevista e o

questionário”. A nossa análise documental para este artigo é qualitativa e emprega fontes de origem secundária, sendo essas, dados e informações já reunidos e/ou organizados por outros autores ou estudiosos, usadas como forma de resgatar e reconstruir a história social das profissionais no radiojornalismo esportivo brasileiro. O resgate histórico é uma forma de dar visibilidade e/ou recuperar uma parte da história que está esquecida ou que pode ter sido abordada por outros pesquisadores de maneira diferente.

Nesse sentido, o estudo para este artigo especificamente teve como objetivo geral resgatar a história da trajetória da mulher no radiojornalismo esportivo no país, constituindo uma das bases para pesquisa de mestrado sobre essa inserção no rádio catarinense. Pesquisa que se encontra em andamento, pela autora Ediane Mattos no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (POSJOR UFSC), sob a orientação da coautora Valci Regina Mousquer Zuculoto. Assim, o presente trabalho dá seguimento ao apresentado recentemente no GT História da Mídia Sonora do XI Encontro Nacional da História da Mídia, Alcar 2017 (ZUCULOTO; MATTOS, 2017), expondo a proposta de estudo do mestrado.

As profissionais do radiojornalismo esportivo brasileiro

A mulher conquistou espaço no campo profissional, no Brasil, no início do século XX, quando conquistou o direito de trabalhar. Na trajetória do rádio no Brasil, as profissionais mulheres ao longo da trajetória do meio no Brasil, nos períodos iniciais e principalmente na chamada Era de Ouro, tiveram atuação fundamental, sobretudo em programações de entretenimento, educativas, artísticas-culturais, com destaque para as ficcionais como a radionovela e o radioteatro. Desde a concepção do rádio, a categorização de que tipo de programa permitia a participação da mulher e do homem já foi sendo concebida de forma marcante. “Já demonstrando a total diferenciação que pode ocorrer no meio, pois a palavra é o principal instrumento de poder na comunicação” (BARBAT, 2010, p. 22).

Esse papel diferenciado entre o que é para a mulher e o que é para os homens é historicamente observado na construção do jornalismo. A própria imprensa feminina nem sempre teve um jornalismo feminino, visto que apresentava mais ideias do que fatos e não contemplava uma das características básicas do jornalismo, a atualidade.

(MELO, 2006). O autor, ao analisar o livro *Mulher de papel*, de Dulcília Buitoni (1981), da ênfase a esse papel de alienadora que a imprensa feminina se presta:

Na medida em que o jornalismo tem sido historicamente uma atividade que enseja participação política, estimulando a intervenção crítica na realidade, é compreensível que as publicações femininas (conformistas, alienadoras) não abram espaços para o jornalismo. Fazê-lo seria talvez minar as suas próprias bases de sustentação. Pois a imprensa feminina tem se esmerado em fazer crer à sua leitora que o mundo se reduz ao lar, às compras e à vida social. Trazer o jornalismo para as suas páginas seria ampliar a dimensão do mundo e romper o isolamento da mulher em relação ao seu papel de mãe-esposa-administradora do lar. (MELO, 2006, p. 146-147)

Ao trazer a imprensa escrita para as ondas sonoras do rádio, fez-se também a transição cultural histórica do papel da mulher e do homem diante dessa nova mídia, fosse como leitor/ouvinte ou como jornalista/radialista. Mesmo diante das transformações que o jornalismo radiofônico ia vivenciando, desde o surgimento do rádio, passando pela Era do Ouro até chegar na década de 50, quando surge a televisão no Brasil, a mulher, em geral, sempre esteve excluída diante mudanças. Os programas próprios para elas se mantiveram ao longo do tempo sendo os que tratavam de assuntos femininos (casa, família, educação), e as funções eram de apresentadoras destes programas, radioatrizes, cantoras.

O surgimento da televisão impactou de maneira significativa o rádio e suas programações sofreram inúmeras transformações na tentativa de permanência do meio. Muitos programas migraram para a nova mídia, como foi o caso das novelas e programas de auditórios, e no cenário radiofônico surge o período marcado como “vitrolão” pois restava ao rádio ser musical. Na luta pela sobrevivência do rádio buscou-se incrementar a programação informativa, incluindo a esportiva. Entretanto, a maioria das mulheres que tinham participação nos programas de rádio não foi incluída nessas transformações diminuindo ainda mais a participação delas nos microfones, principalmente das rádios AM (PROVENZANO, SANTUÁRIO, 2009).

Nas décadas de 60 e 70, com os movimentos feministas na luta pela emancipação da mulher, elas se fortaleceram e conquistaram cada vez mais espaços, até mesmo em ambientes considerados masculinos, ainda que de forma lenta. Elas, além de personagens de reportagens, assumiram umas das mais importantes estruturas do poder, a mídia, fazendo jornalismo e ajudando a construir uma nova realidade social conjuntamente com os homens (HABIB, 2006). No jornalismo esportivo, a presença de mulheres trabalhando com cobertura esportiva era muito rara (COELHO, 2003).

De acordo com Mota (2011) a mulher conseguiu transformar a imagem de que não são capazes de discutir assuntos esportivos utilizando o poder de comunicação de massa, que contribui para a conquista da credibilidade do público no momento que elas estão transmitem a informação.

A primeira mulher, que se tem conhecimento, a cobrir esportes no país foi Maria Helena Rangel. Ela trabalhou no jornal Gazeta Esportiva e seu registro profissional foi em 1º de janeiro de 1948 (RAMOS, 2000).

Com a regulamentação da profissão de jornalista no Brasil, em 1969, surgiram faculdades com cursos para a formação de profissionais na área e conseqüentemente abriu esse campo profissional para as mulheres, acompanhando a tendência geral da mulher no mercado de trabalho (PROVENZANO; SANTUÁRIO, 2009). Essa abertura de mercado pode ser constatada nos estudos realizados em diferentes regiões geográficas do país, referentes à trajetória da mulher no jornalismo esportivo.

No Rio Grande do Sul, a primeira mulher que se tem notícia a integrar uma equipe de radiojornalismo esportivo é Eva Mendonça, na década de 1960. Ela fazia parte do departamento de notícias da Rádio Gaúcha e realizava esporadicamente atividades restritas a área administrativa ou de radioescuta na equipe esportiva. A Rádio Gaúcha realizava coberturas esportivas, tanto de futebol como de corridas automobilísticas, turfe e regatas que aconteciam no rio Guaíba, desde a década de 30, sendo realizada a primeira transmissão esportiva de futebol no estado gaúcho, na partida entre Grêmio e Paraná, em 1931, com a locução de Ernani Ruschel (BARBAT, 2010). Entretanto, inicialmente a equipe esportiva era formada exclusivamente por homens. Somente em 1970, a emissora contratou a primeira mulher para integrar a equipe de esportes da Rádio, Rita Campos Daudt, para exercer a função de repórter de campo (PROVENZANO; SANTUÁRIO, 2009).

Entretanto, para conseguir realizar a entrevista com os jogadores, ela precisava organizar anteriormente com quem falaria e quais seriam as perguntas, isso porque muitos atletas ignoravam os chamados da repórter na beira do campo pelo fato de se tratar de uma mulher” destacando um pouco da trajetória feminina no estado (PROVENZANO e SANTUÁRIO, 2009, p.7).

Ao se inserirem no mercado de trabalho, as mulheres enfrentaram preconceitos tanto por parte do meio, dos próprios homens, que não as caracterizavam capazes, quanto por parte das mulheres que vinculavam essa inserção com a liberação sexual, conforme explica Da Luz (2015).

A demora na aceitação das conquistas das mulheres no mercado de trabalho foi alimentada, principalmente pela rejeição de aceitação masculina. Entretanto, é preciso considerar outros fatores, como preconceito que a própria mulher tinha do trabalho (DA LUZ, 2015, p. 43).

Diante dessa nova concepção de mercado e realidade social, surgiram fatores que ajudaram a fortalecer a presença da mulher no jornalismo esportivo. Um deles foi a criação de uma lei americana, no I Fórum de Debates, Mulher, Esporte, Sexo, Imagem Corporal e Hipocrisia, em 1974, realizado em São Paulo, que permitiu às mulheres locutoras esportivas adentrarem nos vestiários masculinos para coletarem declarações pós-jogo. A lei também garantia o acesso dos homens aos vestiários femininos. A jornalista Marta Esteves foi a pioneira na cobertura de vestiários e não se intimidou diante do machismo (BARBAT, 2010).

No estado de São Paulo, as vozes femininas consagraram-se no rádio, no início dos anos 30. Zenaide Andrea, uma das precursoras, iniciou sua carreira nos microfones da Rádio Record de São Paulo – PRB-9. Em 1931, Natália Peres consagrou-se, com o pseudônimo de Elizabeth Darcy - ela é a mãe do narrador esportivo Sylvio Luiz e da atriz Verinha Darcy. No ano de 1934, Silvia Autuori, iniciou sua carreira como repórter e cronista, no Diário da Noite. Ela trabalhou, também, na Rádio Ipanema, do Rio de Janeiro, no programa “A Hora feminina” e com a inauguração da Rádio Tupi, em 1935, ela assumiu um programa infantil. Em entrevista à Revista do Rádio, anos mais tarde, ela declarou que os programas femininos, com receita de bolo e tinturas para cabelo, não lhe agradavam e acabou sentindo repulsa por programas deste tipo (TESSER, 2007).

As mulheres tiveram uma participação significativa desde os primeiros anos do rádio paulista. No entanto, foi somente em meados dos anos 1970 que elas começaram a trabalhar no radiojornalismo esportivo no estado. A Rádio Mulher foi a primeira a ter uma equipe exclusivamente feminina nos esportes, transmitindo também futebol. Todas as funções eram exercidas por mulheres, desde as administrativas, como chefe de reportagem, discotecaria, motorista do carro de reportagem, técnica de som, entre outras. Claudete Troiano e Zuleide Ranieri revezavam as funções de narradora da partida e repórter de campo, os comentários ficavam a cargo de Leilah Silveira, as reportagens eram responsabilidade de Germana Garili e Jurema Iara, e Lilian Loy era a plantonista da equipe. A iniciativa recebeu algumas críticas, em razão do preconceito existente no ambiente, até então de hegemonia masculina, de que mulher não entende de

futebol e muitos descreditaram do sucesso da equipe. No entanto, com a aceitação do público que acompanhavam as transmissões nos estádios, com o aumento da própria audiência e, conseqüentemente, retorno financeiro através da venda de espaços publicitários elas foram se fortalecendo e transformando o gênero esportivo brasileiro.

Em entrevista concedida pela radialista Zuleide Ranieri, ao blog Radioamantes, ela conta sobre a relação profissional com os jogadores de futebol.

Eu estava narrando uma partida entre Santos e Corinthians e a Claudete Troiano foi para o campo fazer reportagem. Quando terminou a partida, a Claudete Troiano entrou em campo e foi entrevistar o Pelé. E os profissionais masculinos correram todos para agarrar o Pelé, ele olhou para todos eles e falou assim: - Um momento, primeiro as *ladies*. (RANIERI, 2016).

Com a expansão das coberturas esportivas, ocorrida na década de 80, as emissoras nacionais passaram a transmitir tanto os campeonatos nacionais quanto os campeonatos estrangeiros, como o italiano, por exemplo, e a imprensa esportiva começa a se preocupar com outros esportes, isso acaba viabilizando a presença da mulher como profissional na área esportiva do rádio (ALEXANDRINO, 2011). Conseqüentemente, acarreta uma popularização da mídia esportiva, influenciada pelo aumento do público feminino em busca de informações sobre esportes.

No entanto, mesmo com todo esse processo de transformação no mercado de trabalho no campo esportivo, na busca pelo espaço da mulher nas redações esportivas ainda há lugares pouco promissores para aquelas que desejam ingressar no radiojornalismo esportivo. Um exemplo é no cenário de Palmas, objeto de estudo da monografia *Mulher no Jornalismo Esportivo de Palmas – Um estudo sobre a participação feminina na área*, da jornalista Camila Rodrigues Barbosa. A cidade possui quatro emissoras FM's, três delas possuem programas esportivos, e apenas em uma, na Rádio 96 FM, há uma mulher atuando na editoria esportiva (BARBOSA, 2014). A jornalista Helô Barsi é apresentadora e comentarista do programa Esporte Mais, da 96 FM, e divide a função de comentarista com Gilmar Santos e Ademar Costa.

Assim como em Palmas, o jornalismo esportivo no Amapá mostrou-se pouco promissor para as mulheres até bem pouco tempo. As primeiras transmissões esportivas foram realizadas a partir da década de 1940, momento em que a Rádio Difusora de Macapá (RDM) iniciou a cobertura dos jogos que aconteciam na Praça da Igreja Matriz, e não existiam mulheres integrando a equipe. O rádio era o meio de comunicação mais acessível. A inserção da mulher no jornalismo esportivo amapaense só foi registrada na

década de 1970, e foi em jornal impresso. O Jornal do Povo surgiu num cenário constituído só por emissoras de rádio no Amapá, em 1973. (RODRIGUES, SARDINHA, 2015). Foi nesse jornal, que aos 15 anos de idade, Alcinéia Cavalvante iniciou sua carreira fazendo coberturas esportivas. A jornalista trabalhou de 1973 a 1978 como repórter, também sofreu preconceito por parte dos colegas de imprensa para ingressar no jornalismo esportivo. O mesmo comportamento se repetiu, em 2008, quando Geni Frota surgiu como a primeira comentarista esportiva, no Amapá, tornando-se a “Primeira dama dos comentários”. Segundo Frota (2014, apud Rodrigues, Sardinha, 2015),

(...) as principais barreiras para as mulheres são o machismo que já está instalado na sociedade e o fato da mulher querer fazer aquilo igual ao que já é feito pelos homens. Temos que mostrar nosso diferencial até porque no mercado tem espaço para todos (FROTA, 2014).

Em Santa Catarina, local de recorte de uma proposta de pesquisa que estou desenvolvendo, a primeira emissora a ganhar a licença oficial para funcionamento definitivo foi a Rádio Clube de Blumenau, em 1936 (MEDEIROS; VIEIRA, 1999). A emissora foi responsável pelo primeiro programa esportivo catarinense, “A marcha do esporte”, criado em 1943, ia ao ar das 12h40min às 13h, o responsável era o radialista Manoel Pereira Júnior. A grande popularidade do programa o transformou em programa de maior audiência. Em 1954, a emissora formou a primeira equipe esportiva para transmitir os jogos de futebol. Entretanto, não consta em registros publicados até o momento que alguma mulher tenha integrado a equipe, pelo menos não naquela época.

Conclusões

A partir desta breve revisão bibliográfica sobre a inserção profissional das mulheres no radiojornalismo em geral e já verificando sua presença também no segmento esportivo, podemos verificar que o resgate histórico dessa trajetória da mulher é feito de forma pontual e individualizada. Monografias, TCCs e dissertações produzidas a cerca do tema apresentam a história em determinada região geográfica e dão conta de fazer o resgate a que se propõem, dando visibilidade as pioneiras do jornalismo esportivo, assim como apresentam a trajetória das mulheres no radiojornalismo local contextualizando as barreiras que dificultaram o ingresso delas nesse mercado e de que maneira elas conseguiram derrubar tais barreiras. Por enquanto,

podemos perceber que essa inserção ocorreu gradativamente e de forma lenta. Os registros existentes já levantados mostram uma trajetória de lutas locais e isoladas em busca de um espaço que ainda, em muitos lugares, acredita-se ser direcionado aos homens e/ou ainda é muito recente.

As bibliografias consultadas abordam desafios que as mulheres encontraram tanto para inserir-se na área esportiva do rádio quanto para manter-se. Entre os mais destacados podemos citar o preconceito quanto à capacidade intelectual da mulher para abordar e tratar de temas esportivos e a rejeição ao fato da mulher estar desempenhando uma função que até então era considerada masculina, colocando em risco a fertilidade e a feminilidade da mulher.

Pode-se dizer que as pioneiras do radiojornalismo esportivo, já registradas, em alguns locais do país foram surgindo praticamente na mesma época, na década de 70. Em razão das lutas dos movimentos feministas, das conquistas de novos campos de trabalho, da regulação da profissão, entre outros fatores que possibilitaram às mulheres a se inserirem nas redações esportivas. No entanto, em outros lugares do país essa conquista é bem recente e as mulheres ainda enfrentam as mesmas barreiras daquelas precursoras de décadas atrás. A análise sobre os fatores que possibilitaram e os que dificultaram a inserção das mulheres no radiojornalismo esportivo permite entender porque a presença profissional das mulheres nas redações esportivas ainda é minoria, apesar de o número de jornalista mulher no mercado brasileiro já ter superado o de homens. Sua inserção tardia nessa área do jornalismo e o machismo histórico que ainda prevalece, talvez não de forma tão declarada, desestimulam grande parte das mulheres a optarem por esse campo profissional.

Pela revisão da literatura não é possível afirmar se a luta de algumas mulheres de determinado local tenha influenciado a luta de mulheres de outros estados para a inserção nas redações esportivas do rádio, ainda que em alguns lugares tenha ocorrido concomitantemente. O fato das produções terem sido realizadas de maneira pontuais e locais e a falta de estudos mais abrangentes e sistematizados sobre a temática, não permite fazer essa análise.

A década de grandes mudanças para as mulheres no campo profissional do radiojornalismo esportivo foi nos anos 70 e 80, assim como ocorreu com outros campos e profissões até então considerados redutos masculinos. Neste mesmo período, surgem

as faculdades que formavam profissionais nessas áreas, conseqüentemente as mulheres também começaram a ingressar nas redações.

Entre as conquistas das mulheres através dos movimentos feministas aconteceu na área esportiva, onde elas ganham o direito de praticarem atividades esportivas que inicialmente eram restritas aos homens. Elas começam a ir às competições tanto para assistir quanto para participarem como atletas. Se inicialmente elas eram proibidas de assistir competições esportivas, com as mudanças que ocorreram resultantes das lutas feministas, as mulheres passam não só a desempenhar atividades consideradas masculinas nas áreas profissionais. De acordo com Coelho (2004), era muito raro ver mulheres nas redações esportivas até o início dos anos 70. As alterações no novo cenário das redações esportivas constituído por homens e mulheres, ainda que estas em expressiva minoria, são reflexos do interesse da população.

Com interesse em aprofundarmo-nos nessas transformações e conquistas na área do radiojornalismo esportivo de maneira a agrupar os dados já coletados e confrontar as informações já divulgadas, ainda de maneira dissociada, é que se pretende contribuir com uma pesquisa de resgate histórico das profissionais que participaram do radiojornalismo esportivo de Santa Catarina. Por entender que a trajetória profissional das mulheres no radiojornalismo esportivo catarinense tende a contribuir como parte da história do rádio, da luta das mulheres para ingressar no mercado de trabalho numa área considerada masculina, das transformações ocorridas na área do radiojornalismo esportivo a partir dessa inserção, a pretensa pesquisa busca preencher uma lacuna na história do jornalismo brasileiro. Acreditamos que é uma contribuição não apenas para o tema específico proposto, mas para uma maior compreensão e reconhecimento da história do rádio em geral.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRINO, V. A. **A mulher no jornalismo esportivo: Análise da participação feminina no telejornalismo brasileiro.** 2011. 64 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo), Faculdade Cristo Rei, Cornélio Procópio, 2011.

BARBAT, A. L. M. **A participação feminina no radiojornalismo esportivo de Santa Maria.** 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2010.

BARBOSA, C. R. **Mulher no radiojornalismo esportivo de Palmas (TO):** um estudo sobre a atuação feminina na área. 2014. 69 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2014.

COELHO, P. V. **Jornalismo Esportivo.** 1ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

HABIB, L. **Jornalista:** Profissão mulher. São Paulo: Sapienza, 2005.

MARTINS, I. P. **Mulheres no Jornalismo Esportivo:** Um estudo sobre a atuação feminina na editoria de esportes em Palmas. 2012. 55 p. Trabalho de Conclusão de Curso 63 (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2012.

MEDITSCH, E. **A nova era do rádio:** O discurso do radiojornalismo como produto intelectual eletrônico. In DEL BIANCO, N e MOREIRA, S. V. (Orgs) **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas.** Rio de Janeiro: EdUERJ; Brasília, D.F. :UnB, 1999. p. 109 – 130.

MELO, J. M. **Teoria do jornalismo:** identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.

MOREIRA, S. V. Análise Documental como método e como crítica. In. DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005, cap. 17, p. 269-279.

MOTA, Isis Mendes. **Jornalismo Esportivo de Saia – A participação feminina no jornalismo esportivo.** 2013. Disponível em:
<http://www.repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/4004/1/20942932.pdf> . Acessado em: 12 de julho de 2017.

PRATA, N.; SANTOS, M. C. (org.). **Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro.** V.1. Florianópolis: Insular, 2012.

PROVENZANO, B; SANTUÁRIO, M. E. **A participação das mulheres no radiojornalismo esportivo no Rio Grande do Sul.** In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2009, Curitiba. Anais...Curitiba: Centro Universitário Feevale. 2009.

Radioamantes no Ar relembra a equipe esportiva da Rádio Mulher formada só por mulheres em um papo com Zuleide Ranieri. Disponível em: <
<https://radioamantes.wordpress.com/2015/11/16/radioamantes-no-ar-relembra-a-equipe-esportiva-da-radio-mulher-formada-so-por-mulheres-em-um-papo-com-zuleide-ranieri/>>
Acesso em: 12 de julho de 2017.

RAMOS, A. P. Elas comandam o jornalismo. 2003. Disponível em:<<http://www.canaldaimprensa.com.br/canalant/midia/vintedicoes/decedicao/midia3.htm>>. Acesso em: 15 de março de 2017.

RODRIGUES, K.; SARDINHA, A. C. **Abordagem histórica sobre a trajetória das mulheres no jornalismo esportivo amapaense**. In: XIV Congresso das Ciências da Comunicação na Região Norte. 2015, Manaus. Anais...Manaus: Intercom. 2015. P. 1- 15.

SANTOS, V. A. **As bolas da vez**: a invasão das mulheres no jornalismo esportivo brasileiro. Monografia (Graduação em Jornalismo). Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Centro Universitário de Brasília, Brasília. 2012.

STUMPF, I. R. C. In DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs). **Métodos e técnica de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

TESSER, C. **História das mulheres nos primeiros vinte anos do rádio**. Trabalho apresentado ao GT História da Mídia Sonora, do V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciec, São Paulo, 2007.

ZUCULOTO, V. MATTOS, E. T. **As mulheres no radiojornalismo esportivo**: contextualizações para pesquisa histórica sobre sua presença profissional em Santa Catarina. Trabalho apresentado ao GT História da Mídia Sonora, do XI Encontro Nacional da História da Mídia, Mackenzie, São Paulo, 2017.